



ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}\text{C}$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.ºs 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadela sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

O PROJECTO LANDCRAFT. A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO ABRIGO DAS LAPAS CABREIRAS

João Muralha Cardoso¹, Mário Reis², Bárbara Carvalho³, Lara Bacelar Alves⁴

RESUMO

Considerando um dos objectivos do nosso projecto - a investigação dos contextos sócio-culturais da Arte Esquemática no Vale do Côa – e partindo do caso de estudo das Lapas Cabreiras, consideramos que a investigação dos contextos arqueológicos, quer no sentido da identificação de um momento de passagem/ocupação/uso dos sítios, quer do reconhecimento de outras ocorrências na sua envolvente, fornecerá um conjunto de dados muito importantes para a reflexão e compreensão de várias questões em aberto, sobressaindo a seguinte: Até que ponto as evidências materiais (da escavação e da prospecção) e a ocupação de diferentes sítios nos ajudam a compreender o uso e a ocupação daquela paisagem?

Palavras-Chave: Pré-história Recente; Arte Esquemática; Escavação; Prospecção.

ABSTRACT

Considering one of the objectives of our project - the investigation of the socio-cultural contexts of Schematic Art in the Côa Valley – and starting from the case study of Lapas Cabreiras, we consider that the investigation of archaeological contexts, either in the sense of identifying a moment of transit/occupation/use of the sites, or the recognition of other occurrences in its surroundings, will provide a set of very important data for understanding several open questions, highlighting the following: To what extent does material evidence (from excavation and field surveys) and the occupation of different sites help us to understand the use and occupation of the landscape?

Keywords: Late Pre-history, Schematic Art; Excavation; Fieldwalking.

1. INTRODUÇÃO

No âmbito do concurso “*Projetos de Investigação Científica e Desenvolvimento Tecnológico para a promoção de atividades de I&D de âmbito interdisciplinar e pluridisciplinar a realizar na região do Vale do Côa, classificada pela UNESCO como património da Humanidade- 2019*”, lançado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, o projecto *LandCRAFT* – os contextos socio-culturais da arte da Pré-história Re-

cente no vale do Côa é apresentado. Em Fevereiro de 2020 é notificado como candidatura a ser financiada e os trabalhos iniciam-se em Agosto desse ano.

A estratégia de investigação do LandCRAFT apresentava três grandes pilares: A produção de um *corpus* da arte rupestre da Pré-história Recente do Vale do Côa (gravada e pintada), utilizando novas técnicas de registo baseadas no realce digital de imagens, modelação 3D (SfM) e análises físico-químicas de pigmentos; a escavação do abrigo de Lapas Cabrei-

1. Professor auxiliar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa – investigador do CHAM / jccardoso@fcsh.unl.pt

2. Fundação Côa Parque | CEAACP- Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património. Universidade de Coimbra / marioreissoares@sapo.pt

3. Investigadora do LandCRAFT.

4. Investigadora no CEAACP – Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património. Universidade de Coimbra / larabacelar@sapo.pt

ras e outros sítios próximos de abrigos pintados com vestígios de ocupação do Neolítico/Calcolítico e Idade do Bronze; e estudos paleoambientais.

O projecto ainda se encontra em desenvolvimento, mas no seu final, à medida que todos os dados forem trabalhados e publicados, gostaríamos de acrescentar um novo olhar sobre a história da arte no vale do Côa. Este novo olhar, foca-se num período crucial de transformações das comunidades humanas e do território; o período de transição entre a arte dos últimos caçadores colectores e a Arte Esquemática do Neolítico. Neste processo de reconfiguração, alguns dos sítios ocorrem nas mesmas topografias da tradição paleolítica e outros revelam uma escolha de locais sugestivos de outras paisagens (Alves, 2020). A iconografia da Arte Esquemática, parece estar presente em abrigos (embora não exclusivamente), e encontra-se em toda a Península Ibérica, com a excepção do NW de influência atlântica (*ibidem*). A investigação da arte do Côa tem estado focada nos sítios paleolíticos sendo que a Arte Neolítica só mais recentemente, tem vindo a ser alvo de estudos mais sistemáticos. (Figueiredo e Baptista, 2013; Alves *et al.* 2014; Martins, 2015; Reis *et al.* 2017).

2. AS LAPAS CABREIRAS

O abrigo pintado das Lapas Cabreiras foi descoberto em Junho de 2008 por Carla Magalhães e Mário Reis do Parque Arqueológico do Vale do Côa. É referido no inventário geral da arte do Côa (Reis 2011: 120-123) e caracterizado por aquele mesmo autor no ano seguinte (Reis 2012: 49-50). Em 2014, no âmbito de um projecto não financiado (PIPA – «ART-FACTS Uma investigação sobre os contextos arqueológicos da Arte Esquemática no vale do Côa»), a mesma equipa que assina este artigo, executa um conjunto de sondagens em três abrigos onde a Arte Esquemática está presente; Ribeirinha, Colmeal e Lapas Cabreiras (Reis *et al.* 2017). Neste último sítio arqueológico, são efectuadas três sondagens com resultados prometedores. Os materiais recolhidos apontavam para ocupações do Neolítico Antigo e de finais do 3º, inícios do 2º milénio a.C., conectáveis com a Idade do Bronze. É importante realçar que o painel pintado das Lapas Cabreiras constitui-se como um dos mais importantes da Arte Esquemática do vale do Côa. Tem quase 200 motivos individuais na superfície principal e o carácter único desta composição decorre do número de sobreposições, do uso de diferentes

pigmentos, da sua ampla gama de cores (vermelho vivo, vermelho vinho, laranja), diferentes técnicas de execução (ditação e raspagem), (Reis, *et al.* 2017) e especialmente, pelas suas composições criadas em diferentes épocas e com diferentes escalas. Estes dois factores (a arte rupestre e os materiais arqueológicos), fazem das Lapas Cabreiras um sítio particularmente importante para o estudo dos contextos arqueológicos da Arte Esquemática.

Desta forma, realizamos entre 2021 e 2023, três campanhas de escavações que pretendiam, por um lado definir a extensão do sítio arqueológico e por outro proceder à sua caracterização cronológica e à forma de uso daquele espaço. Estes trabalhos foram sumariamente comunicados no VII Congresso internacional *El arte de las sociedades prehistóricas*, realizado em Cuenca, em Outubro de 2022, organizado pela Universidade de Castila la Mancha, cujas actas sairão no primeiro semestre de 2024. Remetemos para aquela publicação uma descrição mais pormenorizada dos trabalhos de escavação (Cardoso *et al.*, no prelo).

O abrigo das Lapas Cabreiras localiza-se na margem direita do rio Côa, na freguesia de Vale de Afonsinho, concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, distrito da Guarda. Implanta-se na grande mancha diversificada de granitos que caracterizam o ambiente geológico do Baixo Côa, especificamente na área dos *Granitos de Santa Comba-Algodres* (Ribeiro 2001).

De um ponto de vista geomorfológico, o abrigo está implantado no sopé de um grande bloco granítico, hoje muito fissurado. É uma cavidade natural, formada pelo abatimento de blocos que produziram uma área mais resguardada e um amplo painel onde se localizam as pinturas. Como já referido (Cardoso *et al.*, no prelo), esta arquitectura actual revela-se muito interessante, mas desde o início dos trabalhos, percebemos que seria de extrema importância entender os diversos momentos de abatimento, desprendimento e deslizamento de blocos, não só para melhor interpretação dos vários depósitos sedimentares escavados, como para se apreender a dinâmica arquitectural do sítio. (Figura 1)

A geomorfologia envolvente do abrigo é igualmente, muito singular. Localiza-se no topo de um conjunto de plataformas dispostas em semicírculo, terminando em ravina, sobre o rio Côa. O sítio arqueológico está completamente voltado a este rio e à sua margem Oeste. (Figura 2)

Em Outubro de 2021, executamos um conjunto de sondagens de diagnóstico, na tentativa de obter lei-

turas estratigráficas que melhor definissem a ocupação das Lapas Cabreiras. Os resultados não foram muito animadores, principalmente nas sondagens efectuadas nas plataformas mais afastadas do abrigo, mas na última sondagem, realizada no espaço fronteiro ao painel, os resultados foram interessantes e corroboraram os dados das primeiras intervenções realizadas em 2014 (Reis *et al.*, 2017). Considerando os resultados de todas as sondagens, o passo seguinte consistiu na escavação em área do espaço mais próximo ao abrigo e ao painel. Foram abertos três setores na área envolvente aos grandes blocos graníticos que definem a galeria onde se encontram os vários painéis com arte pintada das Lapas Cabreiras e uma outra área de escavação, mais a Sul, perto de um outro painel encontrado já no âmbito deste projecto (Painel 6) (Reis e Alves, 2023). Esta fase de trabalhos decorreu em Setembro de 2022 e Abril de 2023. (Figura 3)

Torna-se importante referir que, além da intervenção arqueológica, o sítio foi objecto de trabalhos complementares e essenciais, quer aos objectivos do LandCRAFT, quer à interpretação da própria escavação:

- a) Recolha sistemática de sedimentos, em todo o sítio arqueológico na tentativa de compreendermos as dinâmicas sedimentares, cronológicas e paleoambientais da estação. Trabalho que está a ser feito por António Cortizas da Universidade de Santiago de Compostela.
- b) Diagnóstico preliminar do estado de conservação do abrigo, do conjunto de pinturas rupestres e suporte (trabalhos efectuados por Fernando Carrera e Vera Caetano, na qualidade de Bolseira de Investigação FCT integrada no projecto (Caetano *et al.*, neste volume).
- c) Análises físico-químicas de pigmentos por processos não destrutivos: espectroscopia Raman com aparelho portátil e espectrofotometria de cor das pinturas e suporte, feita *in loco* por uma equipa da Universidade de Vigo (Teresa Rivas Brea, José Santiago Pozo e Pablo Barrero) (Caetano *et al.*, neste volume).

Retornando à escavação arqueológica, a metodologia de trabalho e a caracterização mais exaustiva dos depósitos encontrados e escavados encontra-se já publicada (Cardoso *et al.*, no prelo), pelo que não iremos aqui, repetir essa informação.

Importa fazer apenas duas referências que nos parecem importantes, para uma melhor compreensão do processo de escavação e consequentemente do pro-

cesso de interpretação; as questões deposicionais e pós-deposicionais e as materialidades arqueológicas. No final dos trabalhos arqueológicos identificamos quatro grandes depósitos. Depósitos de formação recente (Cardoso *et al.*, no prelo); depósitos formados no sentido da vertente (sudeste/Noroeste); depósitos correspondentes ao momento mais antigo de ocupação do abrigo e os depósitos estéreis. Eliminando deste discurso os depósitos de formação recente e os estéreis, ficamos com duas grandes unidades, onde a maior parte do material arqueológico foi encontrado. Os depósitos que se formaram no sentido da vertente tem uma grande expressão em quase toda a área intervencionada. A grande heterogeneidade cronológica do material arqueológico recolhido nas unidades estratigráficas que compõe este depósito, permite-nos avançar com a hipótese de que, aquelas unidades, poderão ter resultado de um ou vários momentos relativamente rápidos de formação. Os depósitos que correspondem ao momento mais antigo de ocupação do abrigo encontram-se nas áreas mais próximas à sua pala e junto aos grandes blocos abatidos da galeria. Estes depósitos embalam fragmentos de rocha que parecem ter abatido da pala e cujas arestas se apresentam bastante frescas.

Os materiais arqueológicos recolhidos foram na sua maioria, identificados na plataforma adjacente à zona abrigada. Representam um conjunto heterogéneo de materiais líticos e cerâmicos que atestam uma ocupação, desde o Neolítico Antigo, passando pela Pré-história Recente até à época contemporânea. A análise sumária destes materiais foi já referida sumariamente. (Cardoso *et al.*, no prelo). No entanto, para melhor compreensão do texto, relembramos aqui algumas ideias:

- a) Existe um conjunto importante de materiais associados ao uso e ocupação recentes do abrigo, por pastores e agricultores. Os fragmentos cerâmicos encontrados correspondem a produções locais da aldeia de Santa Comba (Vila Nova de Foz Côa), produzidas, pelo menos desde o séc. XVIII. Esta ocupação é igualmente visível através da existência de pequenos muretes construídos para a prática da agricultura e pastorícia na envolvente do abrigo, pelo menos até ao final dos anos 60 (informação corroborada pela população local, durante acções de divulgação da escavação).
- b) O conjunto de materiais atribuídos à Idade do

Bronze são em menor quantidade, mas inequívocos. São fragmentos com decoração plástica (cordão digitado e medalhão) e um fragmento com decoração Cogeces. Qualquer um destes tipos decorativos tem paralelos na região do Alto Douro. As cerâmicas Cogeces são abundantes em Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa), (Pereira 1999), foram recolhidas em Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa), (Carneiro 2011), e no Fumo (Vila Nova de Foz Côa), (Carvalho 2004), para referir apenas sítios escavados ou em processo de escavação. As cerâmicas com decoração plástica têm um registo muito abundante na região, não só nos sítios referidos anteriormente, como em muitos outros locais que têm vindo a ser prospectados; Montes, Citânia da Teja (Vila Nova de Foz Côa), Castelo Velho da Meda, Alto da Lamigueira, Castro de São Jorges (Meda), (Cardoso 2014).

- c) Os materiais atribuíveis ao Neolítico Antigo, tem um pequeno conjunto de particularidades que é importante mencionar. Os fragmentos cerâmicos decorados apresentam uma técnica já referenciada para aquela época: Puncionamento arrastado com bordo denteado (Carvalho 2019 e Monteiro-Rodrigues 2011). O machado de pedra polida de secção redonda e as características da indústria lítica em geral, parecem apontar igualmente para o Neolítico Antigo (Monteiro-Rodrigues 2011). O espólio arqueológico recolhido durante as campanhas de escavação, ainda se encontra em fase de estudo.
- d) Existe ainda um grupo maioritário de cerâmicas não decoradas pré-históricas. Estes fragmentos são muito difíceis de conectar a um período mais concreto. São fragmentos da Pré-história Recente que se enquadram entre o 4º milénio e meados do 2º a.C. As pastas e o tratamento da superfície são muito semelhantes entre si e a colecção encontra-se bastante fragmentada, o que dificulta a sua caracterização.

Estes são, actualmente os dados da escavação. No entanto, para melhor pensarmos o abrigo das Lapas Cabreiras e reflectirmos sobre o uso daquele espaço, torna-se necessário acrescentar a todos os dados referidos, a informação obtida na prospecção arqueológica. A ocupação das Lapas Cabreiras não se restringe ao abrigo. Grande parte das sondagens efectuadas durante o mês de Outubro de 2021, não revelaram uma ocupação efectiva do espaço das

plataformas, mas os materiais recolhidos em prospecção na envolvente do sítio arqueológico, obrigam-nos a pensar na paisagem. O sítio estende-se para a paisagem, não como área de ocupação sistemática e perene, mas sim, como área usada e frequentada.

3. A ENVOLVENTE DAS LAPAS CABREIRAS

A área envolvente às Lapas Cabreiras é caracterizada por uma geomorfologia característica da superfície da Meseta, na sua área mais a Oeste; encontramos espaços de planalto e maciços graníticos, já junto ao rio Côa, declives abruptos que conduzem ao rio. Em toda esta área, não existem serras, embora a Marofa, que marca definitivamente este espaço, esteja geograficamente perto, mas para o âmbito deste texto, se encontre longe, apesar do excelente conjunto de Arte Esquemática do sítio do Colmeal (Reis *et al.*, 2017). Nesta área encontramos colinas, cabeços e montes, que se destacam nas áreas planas, dando a este último troço da Meseta, um certo polimorfismo que o distingue da uniformidade do planalto castelhano (Marques 1995:27/28). O rio Côa, nesta região corta profundamente a planície da Meseta. A grande degradação daquela superfície, a Oeste do rio, não aconteceu a Este.

É nesta paisagem, pontuada por maciços, montes e colinas que surge o abrigo das Lapas Cabreiras. Este constitui, de certa forma, um ponto importante na paisagem, mas apenas a um nível mais local. Quando nos afastamos, a sua forma característica começa a ficar dissimulada no conjunto de maciços que assinalam esta paisagem. À medida que nos aproximamos, especialmente de Sul, a área onde o abrigo está implantado, começa a ser visível, tornando-se um lugar imponente. Percebemos, quando estamos no local, que os vários painéis pintados se concentram ao centro de um “anfiteatro”, delimitado a Norte por uma pequena plataforma onde corre uma linha de água sazonal e a Sul pela Canada da Abóbora.

Os trabalhos de prospecção incidiram nas plataformas que bordejam a ravina do rio Côa, tanto para Norte, como para Sul do abrigo. Este território já tinha sido objecto de trabalho de campo, quer por arqueólogos do Parque Arqueológico do Vale do Côa, quer por nós próprios no âmbito do projecto Art-Facts – os contextos arqueológicos da Arte Esquemática no Vale do Côa (2012-2105). Considerando esses trabalhos, realizámos desta vez, uma prospecção mais intensiva (não sistemática), e direccionada às grandes

plataformas, pequenos cabeços e esporões sobre o rio Côa. O nosso espaço de trabalho pode-se delimitar pela ravina do Côa a Este, pela linha de cumeeira que está próxima às pinturas da Faia a Norte, a Sul pelo grande cabeço que forma o sítio do Alto da Mioteira e a Oeste, pela sucessão de plataformas mais elevadas e cabeços graníticos que unem os limites Norte e Sul. O interior deste espaço é marcado por várias plataformas aplanadas, cortadas por linhas de água que descem para o Côa, das quais a maior é a Canada da Abóbora, que rodeia o abrigo pelo lado Sul.

Os dados provenientes de todos estes momentos de prospecção podem ser sintetizados na seguinte cartografia (Figura 4):

1 – Lapas Cabreiras e área a Oeste da escavação arqueológica – Esta área de plataformas, mesmo em frente ao abrigo das Lapas Cabreiras, tem sido visitada constantemente. Ao longo dos anos, foram referenciados alguns vestígios de superfície, que sugeriam a existência de uma ocupação. No âmbito do projecto LandCRAFT, em 2021, executamos um programa de sondagens arqueológicas (Cardoso *et al.*, no prelo, e já referido em cima), para caracterização da área. No entanto, as sondagens não ofereceram um registo que nos permitisse dizer que toda esta área seria densamente ocupada. A prospecção também não nos apontava essa direcção, mas os materiais arqueológicos à superfície existiam e continuam a existir. É evidente que o contexto geomorfológico (sucessão de plataformas) e a acção da vertente poderiam explicar o posicionamento desses materiais, mas a acção da vertente, restringe-se à primeira plataforma, e as plataformas seguintes são largas e com grandes afloramentos, tornando-se factores de impedimento ao rolamento de materiais. A agricultura também foi considerada. No entanto, sabemos que apenas algumas pequenas áreas foram cultivadas, e nunca mecanicamente. Poderíamos explicar a existência destes materiais apenas por factores pós-deposicionais, como por exemplo, escorrências do abrigo. Mais uma vez, não é um argumento suficientemente forte para explicar a quantidade de materiais e a diversidade de implantações, onde vão sendo recolhidos.

2 – Picão dos Castelejos – Pequeno esporão sobre o rio Côa, caracterizado por um conjunto de afloramentos dispostos no sentido Norte / Sul. Os materiais foram recolhidos predominantemente na área Oeste e são característicos da Idade do Bronze. Fragmentos com decoração plástica; cordão segmentado

e bordo denteado, um fragmento com mamilo e um fragmento Cogeces.

3 – Faia Brava – No topo da falésia da Faia Brava, entre pequenos cabeços de rocha, foram recolhidos um conjunto de materiais conectados à Pré-história Recente, cerâmicas, lascas não retocadas em quartzo e quartzito e uma outra com retoque e plano de percussão. O sítio domina visualmente para Norte e Sul uma vasta área geográfica, e encontra-se completamente virado ao rio Côa.

4 – Lapas Cabreiras Norte – Cerca de 200m para Norte, numa área de olival, perto da falésia da Faia Brava, em área aplanada, tem-se recolhido algum material em quartzito.

5 – Casa Grande – Descoberto por um de nós (Mário Reis), na acção de prospecção em que foi descoberto o abrigo das Lapas Cabreiras. O sítio é composto por duas plataformas contíguas, separadas por uma discreta linha de água. Os fragmentos cerâmicos encontram-se distribuídos pelas duas plataformas, assim como alguns, raros elementos líticos em quartzito, sugerindo uma cronologia da Pré-história Recente.

6 – Alto da Mioteira – Foi inicialmente referido por Manuel Sabino Perestrelo (2003:42, nº 24) que descreveu o sítio como uma plataforma sobre o Côa com alguns materiais líticos e cerâmicos. Prospecções do PAVC, feitas na sequência da descoberta do abrigo das Lapas Cabreiras permitiram aclarar melhor a natureza do sítio. Trata-se de um grande cabeço, de topo aplanado, com vestígios de um muro, muito destruído, do seu lado Oeste. A Sul, não possui qualquer restrição à entrada. No interior surgem alguns raros materiais arqueológicos; restos de talhe em quartzito, fragmentos de cerâmica, muito rolados de difícil caracterização, no entanto sugere-se uma cronologia da Pré-história Recente.

7 – Rebofa – Um abrigo granítico situado na margem esquerda do Côa, muito perto da linha de água e subjacente ao grande sítio do alto da Mioteira. Descoberto durante os trabalhos de prospecção para a execução do EIA da barragem do Alto Côa (García Díez, Rodrigues & Maurício 2001; ficha 34), forneceu raros materiais de superfície, incluindo cerâmicas da Pré-história Recente, entre as quais um fragmento de colher.

Como podemos pensar estes dados?

O **quadro 1** pretende sintetizar as principais características dos sítios identificados.

Os materiais

Excluindo desta análise o abrigo da Lapas Cabreiras, o único sítio escavado, praticamente não possuímos materiais arqueológicos que possamos aferir uma cronologia mais específica do que a Pré-história Recente. A única exceção são os materiais recolhidos no Picão dos Castelejos. As decorações plásticas e o fragmento Cogeces enquadram estes materiais na Idade do Bronze. Os primeiros têm paralelos em muitos sítios desta região do Alto Douro, abrangendo os concelhos de Vila Nova de Foz Côa, Meda, Figueira de Castelo Rodrigo, Pinhel e São João da Pesqueira (Cardoso 2014). No entanto, a maior parte destes sítios foi caracterizado através da prospecção arqueológica. As exceções são Castelo Velho de Freixo de Numão (Lopes 2019), Castanheiro do Vento (Carneiro 2011) e Fumo (Carvalho 2004), todos em Vila Nova de Foz Côa. Nestes locais os fragmentos aparecem em camadas datadas da transição do 3º para o 2º milénio a.C. e estendendo-se ao longo da primeira metade desse milénio (Jorge & Rubinos 2002 para Castelo Velho de Freixo de Numão). Os fragmentos Cogeces começam a ser recorrentes nesta região. Nos últimos 25 anos apenas eram conhecidos aqueles que foram recolhidos em Castelo Velho de Freixo de Numão, mas hoje os sítios multiplicam-se. Aos sítios do Fumo, Castanheiro do Vento, Alto de Santa Eufémia (Vila Nova de Foz Côa), juntam-se o Castelo Velho da Meda (informação pessoal de António Sá Coixão), Baldoeiro (Torre de Moncorvo), Castelo dos Mouros (Pinhel, Perestrelo 2002) as Lapas Cabreiras e o Picão dos Castelejos. O material debitado, está presente em todos aqueles locais. Apenas nas Lapas Cabreiras, objecto de escavação, a diversidade da indústria lítica é maior. (Figura 5)

A sua espacialidade

Todos estes locais têm uma expressão espacial muito reduzida. São pequenas áreas onde os materiais aparecem sempre num raio inferior a 50/100 metros. Não existem grandes concentrações de material de fragmentos cerâmicos ou materiais líticos, mas a sua quantidade permite-nos pensar, não em achados isolados ou mesmo avulsos, mas sim em concentrações de achados.

A sua implantação

Os locais onde foram recolhidos os materiais são bastante heterogéneos. Implantam-se no topo de cumeadas, como no fundo do vale, como ainda em

áreas abertas definidas por plataformas. A diversidade também existe quando a caracterização geomorfológica é a mesma; um dos abrigos (Rebofa) localiza-se no fundo do vale do Côa, enquanto as Lapas Cabreiras estão numa cumeada. Os próprios sítios de cumeada tem características diferentes; o Alto da Miteira é um esporão marcante na paisagem, implantado num meandro do rio, enquanto o Picão dos Castelejos está perfeitamente inserido na paisagem e apenas percebemos a sua implantação em esporão quando estamos perto do local.

Considerando os últimos parágrafos, temos concentrações de materiais específicos da Pré-história Recente, numa diversidade de implantações na paisagem. Uma abordagem mais clássica, tomaria as Lapas Cabreiras como o sítio mais importante daquele troço do rio Côa, e todas outras áreas onde os materiais foram recolhidos, seriam considerados achados avulsos relacionados às Lapas. O que não deixa de ser uma interpretação válida. O que nós propomos é que se comece a olhar estas concentrações de materiais, como vestígios, não apenas avulsos, não apenas relacionadas a um sítio. São evidências arqueológicas de um tempo passado na paisagem. São vestígios que se conservaram por um conjunto de razões diversas, em determinados locais da paisagem. Neste sentido, são sítios arqueológicos. Poderão não ter níveis de ocupação definidos, caso do sítio do Texugo (Cardoso *et al.*, 2021), ou possuírem unidades estratigráficas relacionadas a uma ocupação muito vestigial, e muito pouca densa, como no Barrocal dos Lameiros (Muralha *et al.*, 2022), mas reflectem momentos e fragmentos do passado. Os raros materiais recolhidos, embora em posição secundária, por si só, mostram um passado onde coisas aconteceram, e aconteceram numa paisagem precisa. São áreas com materiais que podem e devem ser olhados num processo interpretativo. A paisagem, aqui não deve ser considerada neutra, como uma tela em branco onde o homem faz arquitectura e manipula materiais explorando os seus recursos. Os estudos de arqueologia da paisagem também devem incorporar estes sítios movendo a investigação para uma arqueologia da paisagem socialmente orientada. Numa arqueologia da paisagem apenas orientada à exploração económica, estas concentrações de materiais seriam descartadas no processo de investigação. Numa arqueologia orientada socialmente, a paisagem, os lugares, os espaços entre eles, assumem um envolvimento mais experiencial

de que uma arqueologia de causas e consequências do comportamento humano num determinado espaço físico.

4. OBSERVAÇÕES FINAIS

O contexto arqueológico das Lapas Cabreiras

Os sítios com materiais do Neolítico Antigo, já conhecidos e publicados (Carvalho 1999; Rodrigues 2011), na área do vale do Côa, são sítios de baixa densidade, pequenas áreas de ar livre e ocupações junto a abrigos rochosos. Acrescentado à reflexão, todos os lugares com materiais de todo o Neolítico, a imagem pouco se altera. Continuam a ser de baixa densidade, em pequenas áreas de ar livre, junto a grandes afloramentos de granito. Se olharmos para alguns destes sítios como o Prazo (Rodrigues 2011), Quinta da Torrinha e Quebradas (Carvalho 1999) e mesmo um pouco mais longe, na submeseta Norte em Valle Amblés (Ávila) (Guerra *et al.*, 2012 e 2021), percebemos que o tipo de implantação geomorfológica – áreas com extensos penedos graníticos, alguns sobressaindo da paisagem – é uma constante a todos eles. Aliás como referem os autores:

“(…) las estaciones neolíticas en el entorno del Valle Amblés se encuentra compuesto por algo más de una veintena de sítios entre los que se cuentan lugares con pinturas rupestres, sítios de habitación dentro de abrigos o covachas y posibles lugares de habitación al aire libre”. (Guerra *et al.* 2012:512)

Os materiais encontrados e aqueles que se encontram publicados (Carvalho 1999 e 2003), parecem reflectir:

“(…) um povoamento levado a cabo por pequenos grupos humanos com grau de mobilidade ainda acentuado, dentro de um esquema de “mobilidade residencial” (Carvalho 2003:68).”

Por outro lado, os sítios da Idade do Bronze Antigo e Médio parecem constituir uma ocupação mais integral da paisagem. São lugares dispersos na paisagem, ocupando diferentes implantações geomorfológicas, parecendo afirmar uma efetiva apropriação do espaço e até, outra forma de estar na paisagem. (Figura 6)

As concentrações de materiais vistas como contextos arqueológicos

À excepção das Lapas Cabreiras e provavelmente do Picão dos Castelejos, sítios com conjuntos de materialidades mais substanciais, todos os outros locais cartografados, constituem-se como concentrações de materiais. Não estão no seu contexto “original”, mas representam a passagem e o uso daqueles espaços, assim, podemos considerar estas áreas como sítios arqueológicos. Desta forma, introduzimos nesta reflexão, os diferentes ritmos de passagem, as formas variadas de uso e as diferentes escalas dos sítios. Não podemos definir sítios arqueológicos apenas baseando-nos na sua funcionalidade. Estes contextos arqueológicos serão evidências de actividades, são meios de acções das comunidades que entre o Neolítico Antigo e a Idade do Bronze, percorreram aquele espaço. Como nos diz McFadyen, citando ideias de Barrett:

“(…) we cannot think of archaeological sites as a record of “something” because to do so would be to think that time had stopped (...)” 2010:46)

E o tempo de estar nos sítios é constante e o uso dos espaços é cheio de diferentes significados. O tempo longo torna-se uma das escalas de análise mais proveitosa, a paisagem vivida através de sítios ocupados persistentemente.

A paisagem ocupada e sítios persistentes

A paisagem está pontuada por usos e mobilidades. Frequentar um sítio, não é ocupá-lo. Frequentar sistematicamente um sítio, como parece ter acontecido com as Lapas Cabreiras, é dar-lhe um significado específico para esse uso frequente. O sítio e a sua paisagem envolvente têm de ser entendidos como espaços incorporadores de acção. É uma acção funcional enquanto estruturadora das comunidades que o visitam. É identitária e memorial, conferindo ao lugar a historicidade necessária para o tornar um lugar ancestral. Os caminhos até ao sítio e os caminhos para fora do sítio, as mobilidades percebidas através das concentrações de materiais, acontecem numa paisagem cheia de significados, de referências a usos antigos dos lugares, de referências sociais e biográficas, e através do uso da paisagem e frequência de determinados sítios tornam-se narrativas da identidade humana, tornam-se memórias. Não sabemos se o significado dado à arte das Lapas

Cabreiras se manteve sempre o mesmo (Cardoso *et al*, prelo), se as memórias das pinturas se mantiveram ao longo dos vários milénios, se se transformaram, se se esqueceram, mas sabemos que aquele local e a paisagem onde existe, foram persistentemente usados, pensados e vividos. A nossa própria passagem pelo sítio, pela paisagem, a nossa investigação é mais um parágrafo na, e da narrativa das Lapas Cabreiras.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Lara Bacelar (2020) – LandCRAFT. A arte da Pré-história Recente no Vale do Côa. *Kairós*. Coimbra. 5, pp. 6-21.

ALVES Lara Bacelar; CARDOSO, João Muralha; REIS, Mário; CARVALHO, Bárbara (2014) – ART-Facts: Uma investigação sobre os contextos arqueológicos da Arte Esquemática no vale do Côa, *Côavisão*, 16, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, Vila Nova de Foz Côa, pp. 101-106.

CARDOSO, João Muralha; REIS, Mário; MAGALHÃES, Carla; BATARDA, António (2021) – Trabalhos Arqueológicos no sítio do Texugo (Vila Nova de Foz Côa). *Côavisão*, 23, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, Vila Nova de Foz Côa, pp. 103-110.

CARDOSO, João Muralha; REIS, Mário; CARVALHO, Bárbara; ALVES, Lara Bacelar (prelo) – O projecto LandCraft. Os contextos arqueológicos da arte esquemática na área do vale do Côa. *VII Congreso internacional de las sociedades prehistóricas*. Cuenca.

CARDOSO, João Muralha (2014) – A Idade do Bronze no Alto Douro. Os discursos Possíveis. Lopes, S. 2014 (coord.) *A Idade do Bronze em Portugal. Os dados e os problemas*. Centro de Pré-história, Instituto Politécnico de Tomar, Tomar, pp. 67-110.

CARNEIRO, Ângela (2011) – As cerâmicas do terceiro e segundo milénio a.C. de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa). In *Actas do V Congresso de Arqueologia Interior Norte e Centro de Portugal*, Porto, Caleidoscópio, DRC-N, pp. 187-218.

CARVALHO, António Faustino, (2003) – O final do Neolítico e o Calcolítico no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa, 996-2000), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6, número 2, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, pp. 229-273.

CARVALHO, António Faustino (2004) – O povoado do Fumo (Almendra, Vila Nova de Foz Côa) e o início da Idade do Bronze no Baixo Côa (trabalhos do PAVC), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7, número 1, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, pp. 185-219.

CARVALHO, António Faustino (2019) – Produção Cerâmica no início do Neolítico em Portugal: Dados recentes sobre os VI e V milénios a.C. *Sagvntvm*, 51, 9-22.

DIEZ, M. G.; MAURÍCIO, João; RODRIGUES, A. & SOUTO, Pedro (2001) – *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos do Projecto de Aproveitamento Hidroeléctrico do Alto Côa*. Policopiado, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia (Processo 2000/1(830), Arquivo Português de Arqueologia, Direcção-Geral do Património Cultural).

FIGUEIREDO, Sofia; BAPTISTA, António Martinho (2013) – A Arte Esquemática Pintada em Portugal. En J. Martínez & M. S. Hernández (coord.). *Actas del II Congreso de Arte Rupestre Esquemático en La Península Ibérica*. Vélez-Blanco Málaga, 2010. Vélez-Blanco, pp. 301-316.

JORGE, Susana & RUBINOS, António. (2002) – Cronologia absoluta de Castelo Velho de Freixo de Numão, *Côavisão*, 4, Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, pp. 95-112.

LOPES, Susana Soares (2019) – Voltar a Castelo Velho de Freixo de Numão: pensar a reconfiguração cultural dum recinto pré-histórico do Alto Douro português In LOPES, S. (ed.) – *Olhares sobre Castelo Velho de Freixo de Numão: Revisitar um Recinto Pré-histórico do Alto Douro Português, DigitalAR*, 1, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 357-389.

MARQUES, Carlos A. (1995) – *A Bacia Hidrográfica do Côa*, Lisboa, Assírio e Alvim.

Martins, Andreia (2015) – E no Médio Côa? A arte esquemática que ainda resiste: o Abrigo do Ribeiro das Casas (Almeida). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 18, pp. 41-54.

McFADYEN, Lesley, (2010) – Spaces that were not densely occupied – questioning “ephemeral” evidence. In Garrow, D. and Yarrow, T. (eds) *Archaeology and Anthropology: Understanding Similarity, Exploring Differences*. Oxford, UK: Oxbow Books, pp. 40-52.

MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio (2011) – *Pensar o Neolítico antigo. Contributo para o estudo do Norte de Portugal entre o VII e o V milénio a.C.*, Estudos Pré-históricos, 16. Viseu. Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta.

MURALHA, João; REIS, Mário; MAGALHÃES, Carla; BATARDA, António (2022) – A Intervenção Arqueológica no Barrocal dos Lameiros (Figueira de Castelo Rodrigo) – 2021. *Côavisão*, 16, Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, pp. 101-106.

PEREIRA, Leonor Sousa (1999) – *As cerâmicas «Cogeces» de Castelo Velho, Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa). Seu enquadramento peninsular*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia Pré-Histórica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiada).

PERESTRELO, Manuel Sabino (2002) – *A Romanização na Bacia do Rio Côa*, Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa

REIS, Mário (2011) – Prospeção da Arte Rupestre do Côa: ponto da situação em Maio de 2009, *Actas do V Congresso de Arqueologia Interior Norte e Centro de Portugal*, Porto,

Caleidoscópio e Direcção Regional de Cultura do Norte, 11-124.

REIS, Mário, (2012) – “Mil Rochas e tal...!” Inventário dos sítios da Arte Rupestre do Vale do Côa (1ª parte), *Portugália*, Nova Série, 33, Porto, DCTP-FLUP, pp. 5-72.

REIS, Mário; ALVES, Lara Bacelar (2023) – Entre o Côa e o Douro, nos longos milénios do pós-glaciar: quadro de referência da arte rupestre da Pré-história Recente da região do Côa. In CORREIA, Dalila; SANTOS, André Tomás, eds., – *Por este rio acima: a Arte pré e proto-histórica do Vale do Côa. Estudos em Homenagem a António Fernando Barbosa*. Vila Nova de Foz Côa: Fundação Côa Parque, pp. 117-180.

REIS, Mário, ALVES, Lara Bacelar, CARDOSO, João, Muralha, CARVALHO, Bárbara (2017) – Art-facts – os contextos arqueológicos da Arte Esquemática no Vale do Côa. In GARCÊS S.; GOMES, H; MARTINS, A.; OOSTERBEEK, L., *A Arte das Sociedades Pré-Históricas* (Actas do IV Congresso de Doutorandos e Pós-Doutorandos, 26-29 Novembro, Mação, 2015) *Techne* 3 (1): 97-111.

RIBEIRO, Maria Luísa (2001) – *Notícia Explicativa. Carta Geológica simplificada do Parque Arqueológico do Vale do Côa*. Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa.



Figura 1 – Abrigo das Lapas Cabreiras.



Figura 2 – Enquadramento das Lapas Cabreiras na paisagem.



Figura 3 – Área de escavação.

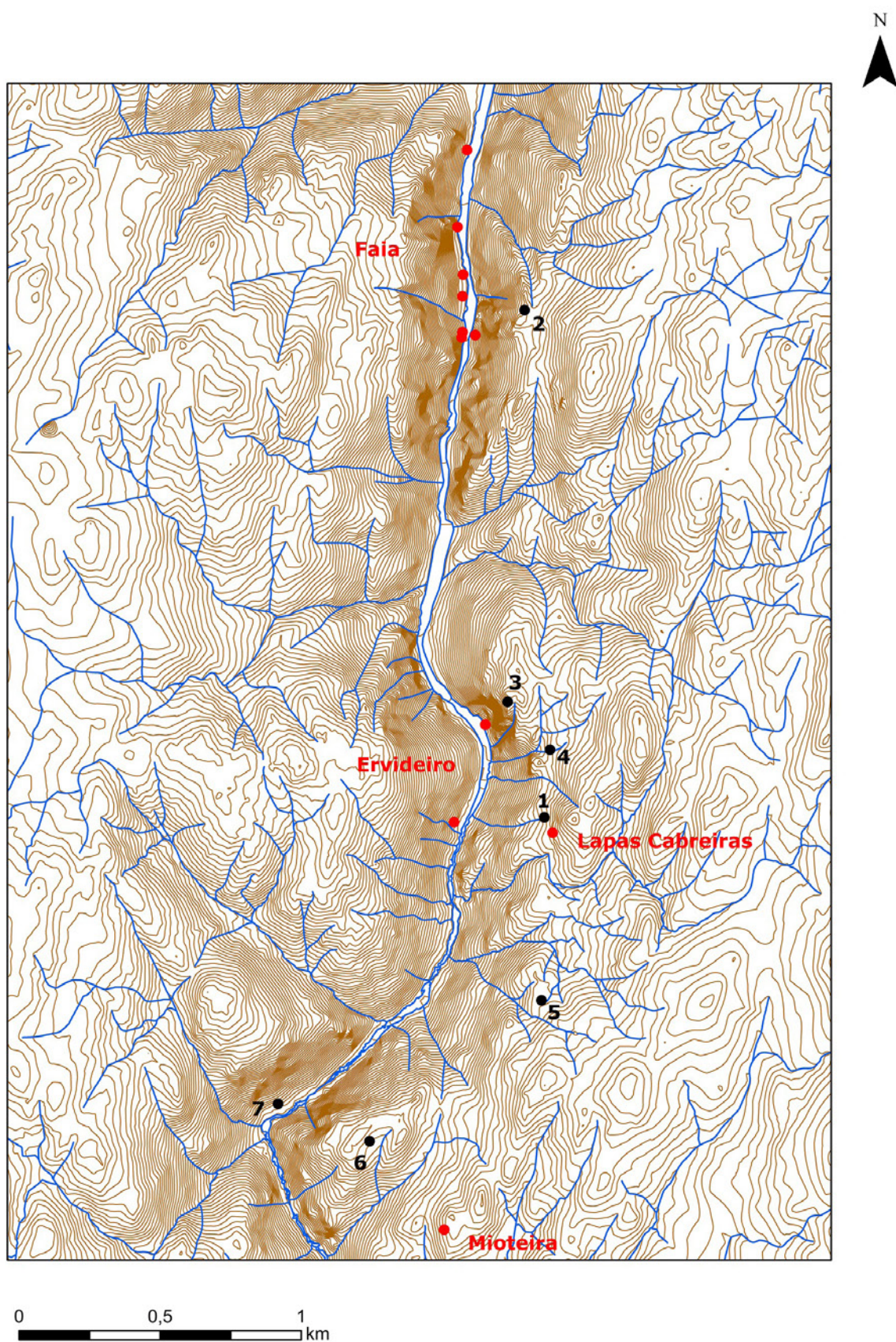


Figura 4 – Área de prospecção. A vermelho, pinturas da pré-história recente. A preto: 1 – Lapas Cabreiras; 2 – Picão dos Castelejos; 3 – Faia Brava; 4 – Lapas Cabreiras Norte; 5 – Casa Grande; 6 – Alto da Mioteira; 7 – Abrigo da Rebofa.

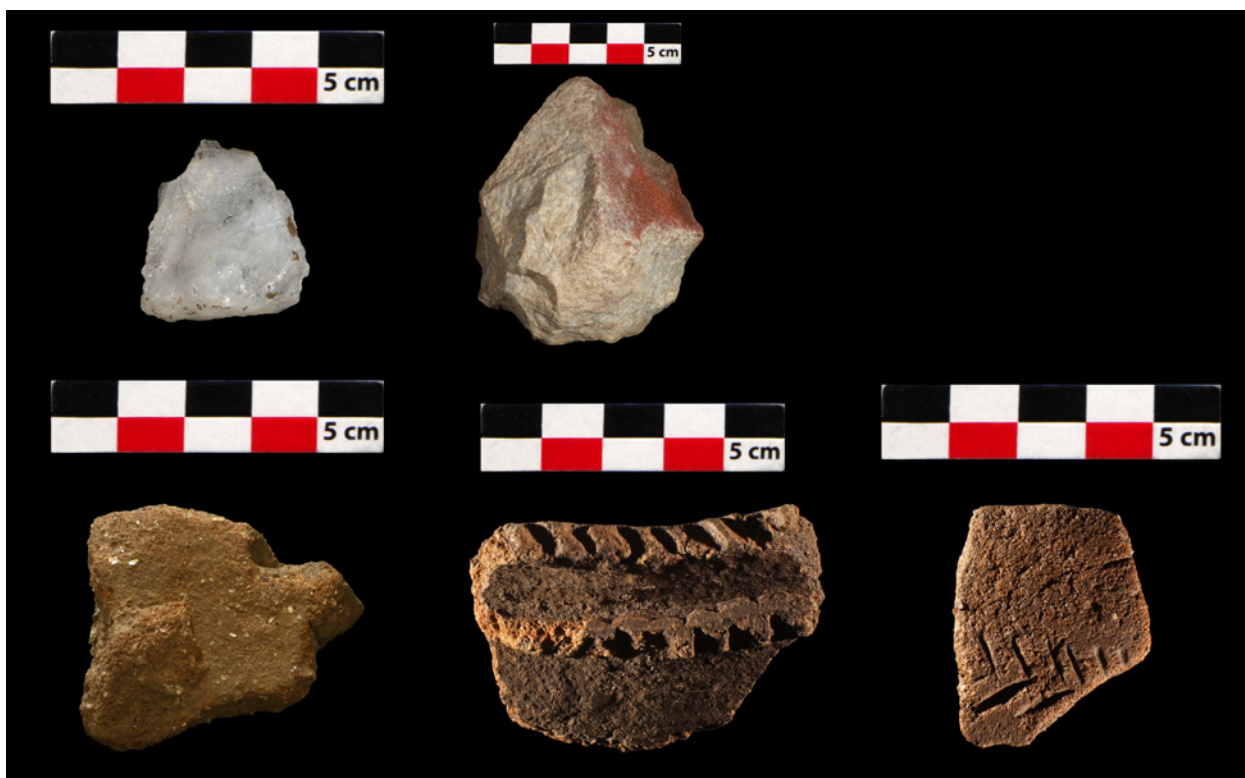


Figura 5 – Materiais da prospeção arqueológica. Em cima Lapas Cabreiras Norte, em baixo Picão dos Castelejos.

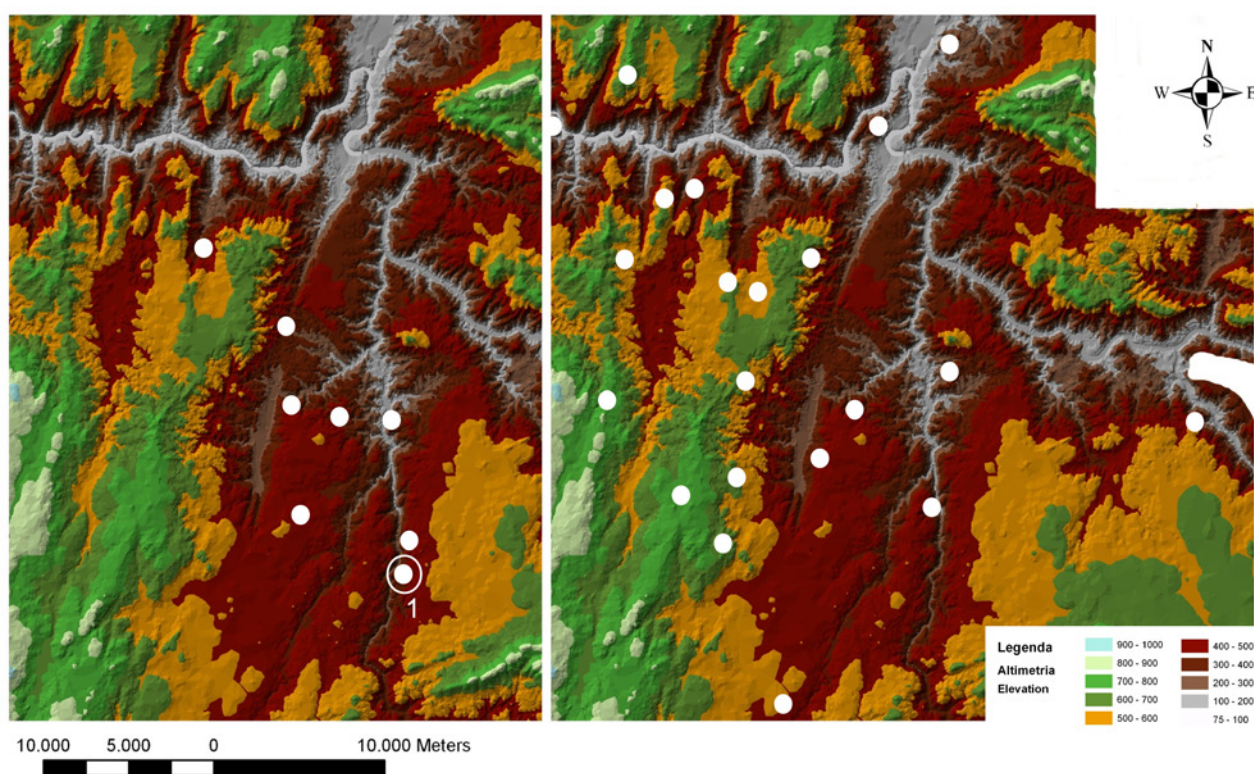


Figura 6 – Cartografia de sítios na área do Alto Douro. Neolítico (lado esquerdo) e Idade do Bronze antigo e médio (lado direito).
1 – Lapas Cabreiras.

	Cerâmica	Líticos	Atribuição cronológica	Implantação
1 – Lapas Cabreiras	Puncionamento arrastado, incisões, decoração plástica e Cogeces	Utensílios, núcleos, material debitado	Neolítico Antigo, Calcolítico e Idade do Bronze	Abrigo em cumeada
2 – Picão dos Castelejos	Decoração plástica e Cogeces	Material debitado	Idade do Bronze	Cumeada em esporão sobre a ravina do rio Côa
3 – Faia Brava	Não decorados	Material debitado	Pré-história Recente	Cumeada sobre a ravina do Côa
4 – Lapas Norte	Não decorados	Material debitado	Pré-história Recente	Plataforma
5 – Casa Grande	Não decorados	Material debitado	Pré-história Recente	Plataformas contíguas
6 – Alto da Miteira	Não decorados	Material debitado	Pré-história Recente	Cumeada em esporão sobre a ravina do rio Côa
7 – Rebofa	Não decorados	Material debitado	Pré-história Recente	Abrigo em fundo de vale

Quadro 1



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA


INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA E ETOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA - UIC
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**